

Vivendo apertado

Lygia de Sousa Viégas

Glória é moradora de um cortiço, que ela chama de “pensão”. Localizada no Brás, e relativamente perto do metrô, a sua e outras pequenas “pensões” se espremem em um bairro prioritariamente comercial (ou seja, ocupado por bares, lojas, distribuidoras, armazéns, cantinas etc.), que oferece um mercado potencial de trabalho aos seus moradores.

Nascida e criada em Custódia, Pernambuco, Glória começou a vida em meio a grande pobreza, o que a obrigou a trabalhar desde cedo “tocando roça” e a impediu de estudar: “Eu sei só assinar meu nome. E leio umas coisinhas poucas. Se eu for pegar um ônibus... Eu só fiz a primeira série. Só isso e pronto”. Castigada pela vida, ela aparenta ser mais idosa do que sua real idade, 50 anos. É uma senhora branca, de baixa estatura, de cabelos brancos, e com a pele e o corpo marcados pelo trabalho sob o forte sol do sertão nordestino.

Na cidade natal, Glória casou-se e teve dois filhos, hoje adultos. Todos viveram sempre próximos à miséria absoluta. A iniciativa de se mudar para São Paulo foi de seu filho mais velho. Na capital paulista, ele casou-se e depois de alguns anos, “mandou chamar a mãe”, que já pensava em se separar do marido, pois ele bebia muito e a espancava. Há quatro anos Glória mudou-se para São Paulo, indo morar com o filho em outra pensão do Brás. A “opção” por essa forma de moradia é consequência do desemprego e dos baixos salários e da necessidade de morar na região central, ou seja, em local onde haja infraestrutura, principalmente de postos de saúde, e possibilidade de encontrar mercado de trabalho.

O filho mais velho, atualmente com 26 anos, há pouco tempo decidiu voltar para Pernambuco, e Glória ficou sozinha em São Paulo durante um período. Há quatro meses, no entanto, mandou buscar o filho caçula, Ronaldo, hoje com 20 anos, para que lhe fizesse companhia: “Porque a vida sozinha é ruim... E eu não ando muito sadia também. Aí, mandei buscar ele. Ele chorava lá: ‘Mãe, mande me buscar, que eu não vou ficar aqui passando precisão, não’. Aí, ele veio”.

Glória e Ronaldo moram num pequeno quarto de pensão. Eles vivem apertados, não apenas pela falta de espaço, mas também pela falta de dinheiro. Mais da metade da renda (de 240 reais) vai para o pagamento do aluguel do pequeno quarto (150 reais). Boa parte do que sobra é gasta com remédios, pois Glória está com problemas de saúde, alguns advindos do trabalho penoso na roça e em “casas de família”.

Na época da entrevista, Glória trabalhava cuidando da casa e dos filhos de uma família, trabalho que não considera “pesado”. Ronaldo, desempregado, tinha saído para cobrar uma dívida salarial que completava três meses, num emprego em que trabalhou sem carteira assinada. Voltou para casa, no entanto, de mãos vazias e apenas com a reposição da promessa de que o dinheiro sairia no decorrer da semana. A aflição deles era potencializada pelo fato de que parte desse dinheiro já estava comprometida com uma dívida no bar vizinho.

Desde que está desempregado, o rapaz, que completou o ensino fundamental, tem procurado emprego, mas quando encontra uma rara oportunidade, esbarra numa dificuldade: “Eles pedem a reservista e eu não tenho. Eu tenho os documentos todos, mas a reservista eu não tenho ainda. Mas, vou ver se eu pego no mês que vem e saio aí, pra ver se eu acho serviço, porque a coisa está feia”. Apesar da grande dificuldade, garantem, em diversos momentos da entrevista, que lá em Pernambuco está pior.

Ao chegar ao cortiço em que moram, fui surpreendida por seu tamanho. Embora por fora aparentasse ser uma casa pequena, após passar por um corredor comprido e apertado e subir uma pequena escada, deparei-me com uma grande casa de dois andares, repleta de portas e janelas, dando a impressão de que se tratava de um conjunto de pequenos apartamentos. Cada “apartamento” é um quarto pequeno e simples (sem nenhum tipo de instalação hidráulica – para banheiro ou cozinha – e com apenas um ponto de luz no centro do quarto), onde se amontoam famílias inteiras. Só há um tanque de lavar roupas e louças para todos. Também são de uso comum os varais, disponibilizados no vão existente entre o primeiro e o segundo andar. Oito banheiros, quatro masculinos e quatro femininos, servem a todos os moradores dos 42 quartos. O local é limpo e organizado, diferente de outros cortiços, geralmente sujos, escuros e inóspitos. Glória, no entanto, disse que “nunca viu tantas baratas como lá”.

*

Foi em sua casa-quarto que Glória me recebeu para a entrevista, realizada em maio de 2004. Antes de ter acesso ao seu quarto, no entanto,

tive que passar pelo intermediário, que queria saber o que eu pretendia ali e me proibiu de fazer fotografias – embora eu sequer levasse máquina fotográfica. Segundo Glória, ele também mora no local (situação que, embora não seja regra, ocorre com frequência em cortiços). Assim, ele exerce grande vigilância no cortiço, que funciona sob regras bastante restritivas. São inúmeras as proibições e limitações impostas pelo intermediário, não apenas em relação ao uso do espaço coletivo, mas também dos pequenos quartos e à convivência entre os moradores. Pela arquitetura local e pela rigidez das normas, a sensação que predomina é de opressão; o cortiço parece uma prisão, e os quartos, pequenas celas.

No pequeno quarto de Glória, há uma cama de solteiro, onde sentamos para conversar, enquanto tomávamos café. O outro colchão fica embaixo da cama, e sai dali apenas na hora de dormir, para não tomar espaço. Há, ainda, um fogão velho e um armário pequeno e gasto, no qual são guardadas roupas, panelas e comida. Todos esses pertences são de segunda mão, e lhe foram doados por conhecidos.

De fato, tendo a vida marcada pela constante ausência do Estado, Glória diz ter de contar com o “favor” e as “doações” que lhe são feitas para sobreviver. Perdem-se de vista seus direitos como trabalhadora e como cidadã. É com essa visão que ela agradece a bondade da patroa, que se preocupa com sua saúde e condição de vida.

E se tudo o que tem vem “do nada”, também “do nada” tudo se vai. Na entrevista, Glória conta várias situações em que as coisas acabaram de repente: a plantação, o trabalho, a companhia. Fica emblemático, nesse contexto, o caso da televisão, que era sua única diversão: “Quando foi ontem, ele estava assistindo, deu um fogo e puf... (...) Queimou, e pronto!”

Acostumada a viver de doações, foram muitos os pedidos de ajuda durante a entrevista. Glória perguntou se eu não conseguiria uma cesta básica para ela, emprego para o filho ou mesmo interceder por ela na luta para participar do Bolsa Aluguel¹. Esse é o grande sonho de Glória, que

¹ Programa habitacional da Prefeitura de São Paulo, que subsidia a locação de imóveis para famílias de baixa renda moradoras de imóveis ou áreas que estão sendo recuperados ou urbanizados pela própria Prefeitura. Com suporte financeiro do BIRD, as famílias recebem um vale de até 300 reais, pelo período de 30 meses. Pelo perfil do programa, portanto, Glória não se inclui em seu público-alvo. No entanto, ela pode estar se referindo a outro programa habitacional da Prefeitura, qual seja, a Locação Social, este sim visando oferecer aluguel de casas ou apartamentos para pessoas sozinhas ou famílias com renda máxima de três salários mínimos, como alternativa para garantir o acesso à moradia digna até que elas possam entrar nos programas tradicionais de financiamento de habitação (dados obtidos na Instrução Normativa SEHAB-G Nº 01

assim poderia reunir novamente a família.

Glória fala, em diversos momentos, do sonho de ter uma casa, apartamento, ou simplesmente “um cantinho” para morar (acreditando que vai realizá-lo com sua entrada no Bolsa Aluguel), declarando, assim, implicitamente, que o cortiço onde mora ainda não é esse “cantinho”, dada sua precariedade.

Não é só esse sonho que Glória repete no decorrer da entrevista. Seu depoimento é repleto de repetições. A repetição é, aliás, característica de sua vida, marcada pela permanência de condições precárias, que se repetem em Pernambuco e em São Paulo, no trabalho e no desemprego. Dentre as repetições em sua fala, uma expressão comum no nordeste brasileiro: “E pronto”! Ela parece dizer, desse modo, que não há mais o que fazer, senão ter “paciência” e “esperar”, palavras reiteradas em sua narrativa.

Repete-se a precariedade, repete-se o relato, repetem-se suas súplicas para que a vida mude e que ela as faz aos conhecidos, a mim, mas sobretudo a Deus. Foram muitos os pedidos a Deus, bem como os momentos em que deu graças a Ele, pelas pequenas conquistas de sua vida, mesmo que precárias. De formação católica, a enorme fé em Deus comparece com muita força no depoimento de Glória, que pede, ao final: “Espero que Deus me abençoe com o dinheiro, para eu ter o meu cantinho para morar”.

Entrevista com uma moradora de cortiço

*“Para tudo isso: para pagar aluguel,
para comprar meus remédios”*

Glória – Eu vivia com o meu marido, ele bebia muito, me batia muito, aí eu não aguentei mais e vim embora para São Paulo. Antes, eu estava morando aqui sozinha, trabalhando, ganhando um salário de... O salário é 240 reais, né? Para tudo isso: para pagar aluguel, para comprar meus remédios... Não está prestando... Trabalhando, minha filha, que é o jeito! Agora, meu filho está aqui... Ele estava trabalhando, a firma não pôde mais pagar para ele, sabe? Não pôde mais pagar, aí pronto! Ficou sem

– de 19 de fevereiro de 2004; no informativo Notícias de Itaquera, ano XXV, edição 855 – de 08 a 16 de julho de 2004; e no site da Prefeitura de São Paulo).

trabalhar! Mas o moço que cuida daqui está tentando arrumar serviço para ele... Diarista. Mas ele é muito novo, tem 20 anos, ele pode arrumar... Ele é muito bom, é uma pessoa que não bebe, uma pessoa que não tem vício nenhum, não gosta de forró... Já o meu outro filho não quis ficar aqui, foi embora para Pernambuco. Está lá mais o pai... Se eu arrumasse um canto para morar, ele disse que vinha mais o pai dele. O problema do meu marido é desespero, porque você sabe que beber, todo mundo bebe, né? Mas tendo um trabalho, ele trabalha. Aí, eu vivo assim, mulher: trabalhando. (pausa) Eu estou precisando... Essa semana eu não tinha nada para comer, foi uma amiga que me deu... um pouco de arroz e um pouco de feijão.

– *Você está sem trabalhar?*

Glória – Não, eu estou trabalhando, eu estou trabalhando. Eu entro 11h40 e saio nove horas da noite. Quem está sem trabalhar é o meu filho. Mas daqui para lá, confiando em Deus... Minha patroa é muito boa, ela veio aqui outro dia para medir a minha pressão. De vez em quando, eu tenho problema de pressão... Eu acho que é de eu pensar na minha vida, né? Aí, pronto! (pausa) Durmo num colchão no chão, eu acho melhor do que na cama, porque eu tenho problema de bico de papagaio. Meu filho dorme na cama, e eu durmo no colchão. Aí, eu acharia bom arrumar uma cesta básica. (pausa) Tudo o que eu tenho aqui eu ganhei. Com a benção de Deus. Ganhei esse guarda-roupa... Minha patroa me deu, para juntar minhas coisas, que estavam dentro de uma caixa. Esse fogão eu ganhei, já com a tampa quebrada, mas assim mesmo está bom. Graças a Deus, estou cozinhando nele. Cozinha nas quatro bocas, só a tampa que cai, aí botei um elástico que está segurando. Graças a Deus. Panela, eu ganhei tudo. Eu tenho sorte, graças a Deus, porque eu sou uma pessoa... uma pessoa que sei viver com todo mundo, viu? Graças a Deus.

– *Quando a senhora veio para São Paulo, veio morar aqui mesmo?*

Glória – Primeiro morei numa pensão na Rua Brigadeiro Machado, dois anos. Depois, eu vim para cá.

– *E era como lá?*

Glória – Lá... A pensão melhor que eu achei para morar foi aqui. Lá era muito bagunçado, muito sujo, muito... sabe como é? Eu não gostei de lá. Aí, graças a Deus, aqui eu estou gostando.

– *A senhora mora aqui há quanto tempo?*

Glória – Está com uns cinco meses. Às vezes, eu me aperto no aluguel, ele [o intermediário] espera um pouco, porque eu não tenho. Eu peço até chorando, porque... aqui, passou do tempo, tem que pagar multa. Então, eu não posso pagar, ele dispensa. Ele pede muito a Deus que um dia eu tenha o meu cantinho para morar. Ele pede muito a Deus.

– *Quanto a senhora paga aqui?*

Glória – Eu pago 150 reais.

– *E aí, com a renda que vocês ganham...*

Glória – E meu filho é uma pessoa que... uma hora diz que quer ficar, outra hora quer ir embora, gosta muito de Pernambuco, sabe? É um menino que não gosta muito de trabalhar. Eu digo assim, porque só eu mesmo, porque eu gosto muito de trabalhar, de ter o meu serviço, eu gosto muito de trabalhar. Para você ver, eu trabalho, e ainda lavo a roupa de uma mulher aqui. É 50 reais que ela paga por mês, para lavar e passar. Foi a minha sorte ela me ajudar, porque é com o que eu compro o feijãozinho, o arroz, um pedaço de carne, qualquer coisa para o meu filho comer, porque onde eu trabalho, eu como. Eu almoço e janto lá. Eu entro às 11h40, porque eu tenho que pegar os meninos no colégio, e quando é nove horas, nove e meia da noite, eu venho embora, quando a mulher chega. Eu trabalho aqui pertinho.

– *E é todo dia...*

Glória – Todo dia, todo dia, todo dia. Todo dia.

“O mais barato que eu achei foi aqui”

– *Como é que a senhora veio morar aqui no Centro?*

Glória – Porque meu filho já estava aqui. Mas ele teve muito desgosto, porque a mulher largou ele. Aí teve muito desgosto, porque ele gostava muito dela... Ela mora aqui com outro cara, sabe? Ele ficou com muito desgosto e foi embora pra Pernambuco mais o filho de seis anos. Aí, meu filho está lá mais o pai dele, trabalhando. Mas ele nunca gostou daqui do Brás, porque é muito caro. Aqui é muito caro o aluguel. Minha patroa achou absurdo um quatinho desse por 150 reais. É caro, e não dá nem pra armar outra cama, onde é que vai botar uma cama aqui? Não dá. É um absurdo aqui.

– *E a senhora já procurou outros lugares?*

Glória – Já procuramos outros lugares aqui, tudo mais caro, o mais barato que eu achei foi aqui. O mais barato que eu achei foi aqui.

– *E a senhora sabe quantos quartos tem aqui, no total?*

Glória – Menina, é 42 quartos. Está tudo ocupado. Tudo ocupado. Mas aqui é organizado, viu? Aqui não vê bagunça, não vê essas coisas assim, não. (pausa) Mas tenho muita fé em Deus, muita fé em Deus que um dia eu ganho o meu cantinho. ... E esse negócio de bolsa aluguel, será que vai demorar? Eu acharia muito bom se saísse, que assim alugava outro canto, que tivesse banheiro, que aqui é muito puxado, a gente quer ir ao banheiro e não tem condição. Porque é muita gente!

– *É um banheiro para todo mundo?*

Glória – Não, tem quatro banheiros aqui em cima. Mas é muita gente. Tem vezes que a gente está... Aí tem que fazer... Eu comprei um pinico para mim, para... Que eu não aguento, às vezes, e tem que fazer dentro de casa, porque não pode, é muita gente! Aí, dois cômodos e um banheiro, está bom demais, não é? Com dois cômodos, banheiro dentro, tem muito por aqui, não tem? Acha até de 300 reais. Por aqui, no Brás mesmo.

– *Mas a senhora não tem renda para morar num lugar de 300 reais, tem?*

Glória – Tenho não. Eu não tenho. Eu não tenho renda. Porque o que eu ganho é 240 reais. Como é que eu posso ter, né? E eu compro remédio... O meu remédio fica em 40 reais, e eu tenho que pagar, porque é feito em laboratório, e é um remédio que eu tenho que tomar todo mês, todo mês, todo mês. Eu tomo três tipos de remédio. Pois é, é desse jeito. Assim mesmo, eu trabalhando. Não fico parada de jeito nenhum em casa. E eu espero que um dia Deus olhe para mim. Porque, por mim, só tenho Deus mesmo, só Deus mesmo. Porque esse meu filho só fala de ir embora. Ele falou que vai me ajudar: “Eu vou trabalhar para quando sair o cantinho da gente, ajudar a minha mãe a pagar”. E se sair mesmo a Bolsa Aluguel, confiando em Deus, que eu sei que vai sair a casa, ou o apartamento... Aí, eu mando chamar meu outro filho, porque aqui fica muito apertado para trazer ele e o menino dele, que ele vai trazer o menino dele. Fica muito... Onde é que eu vou armar cama? Fica dormindo um por cima do outro... E o meu marido, ele só vive lá chorando por minha causa. Ele já sofreu muito, então vou voltar para ele novamente. Aí, junta tudo, vai trabalhando, quem sabe, com a ajuda de Deus, né? ... Se eu tiver a Bolsa Aluguel, aí vou mandar buscar tudinho. Mas não para morar no Brás, sabe? Porque aqui é muito caro. Posso alugar em outro canto. Tem muitos cantos por aí baratos, não tem? Casa barata? E a gente se ajeita. Nem que eu... Tem tantos que eu vi, aqui no Brás mesmo, lá na Bresser, de 300 reais, três quartos, sala e cozinha. Pois é, 300 reais. O negócio é só o dinheiro... Por

isso que eu moro nesse quartinho, porque não tenho condição de pagar. Porque se eu pagar mais, fico com fome. E eu preciso comprar uma roupa, um calçado... O meu filho, a mesma coisa. Ele chegou aqui só com a roupa do corpo. Ele está com um sapato, o tênis dele, só você vendo... Todo descolado, coitadinho. Porque não tem condições de comprar um tênis. Hoje ele saiu, porque a firma em que ele trabalhou ficou devendo para ele 150 reais. Já está com mais de mês. Aí, falou que era para ir hoje. Ele foi lá pegar o dinheiro, que é para ver se ao menos a gente compra, mulher, que eu estou sem nada em casa. Por isso que o café está fraquinho, porque... (riso) não tenho nem pó de café.

“Tudo eu ganhei”

– *Quando a senhora chegou em São Paulo, o que a senhora imaginava?*

Glória – Ah, eu imaginava que ia arrumar um trabalho. Viver melhor... E você vê: aqui sou mais sadia do que lá em Pernambuco. Lá, eu só vivia estressada, sabe o que é isso? Eu acho que era por causa do... das coisas, que era difícil. Porque não é brincadeira em Pernambuco, não. Você não ter o que comer. Muitas vezes fui dormir sem comer. Eu e meus filhos, sem comer, sem ter o que comer. Botava um pouquinho de feijão no fogo de manhã, comia os caroços ao meio-dia... e de noite bebia o caldo. Eu e meus dois filhos. ... Aí, quando meu filho estava trabalhando, estava mandando 50 reais por mês, para o pai e o irmão dele, que estão lá. Estava mandando para eles. Mas fechou a loja, porque não tinha como pagar os funcionários. Fechou, fechou a loja. Meu filho queria muito que abrisse, mas não vai dar. Ele deixou muito currículo nas firmas, mas o que está pegando é que ele não tem Reservista. Ele é um menino bom. É um menino trabalhador, sabe? Tudo o que ele recebe, ele compra as coisas direitinho, paga direitinho. Graças a Deus. Ele tendo, ele me ajuda. Ele tendo, ele me ajuda. Aí, minha filha, se saísse o apartamento, um dia... Mas quem sabe é Deus... Muitas colegas minhas já tiraram, viu? O rapaz mesmo disse que saiu o da... Como é que fala? Como é esse negócio desse projeto? É TVHU?

– *CDHU?*

Glória – CDHU, sim. Recebeu, recebeu. Com seis meses que ele tinha feito. Mas a mulher dele ganha quase 500 reais e ele ganha 400 reais, aí saiu. Vão pagar 290. Mas ele disse que não tinha... não estava tendo condições, que ia negociar, sabe? Porque é muito pesado, ele falou.

– *E a senhora gasta mais da metade do que a senhora ganha com o aluguel.*

Glória – O salário... com aluguel, porque escuta bem para você ver: eu recebo 240 reais. Pago 150 reais. Com o que eu fico? Fico com 90 reais, não é? Me diz para o que dá? E o meu remédio, que eu tenho que comprar todo santo mês. Todo santo mês, por 40 reais. Tira 40 e fica com o que? (pausa) 50 reais. Ai, meu Deus do Céu.

– *Aí, fica difícil...*

Glória – É difícil. É difícil. Ih, tem dias que eu fico... Eu vivo doente... Mas em Pernambuco está pior do que aqui. Aqui, pelo menos, você come um pedaço de carne, come um arroz. Lá, ninguém sabe o que é um arroz, pessoa pobre lá, em Pernambuco. Lá você não come feijão, não. Que tem gente, lá, que come até palma cozida². Lá eu moro perto daquele pessoal... Uma roupa... Olha, eu vou falar uma coisa com você: agora eu tenho quatro, cinco calcinhas, dois, três sutiãs dentro de casa. Eu vestia roupa dos outros. Para que vou mentir para você? Porque não tinha. Aí, aqueles restos, aquelas calças, o que eu fazia? Colocava uma panela de água no fogo, fervia para matar os micróbios e vestia a calça dos outros. Agora, aqui, graças a Deus, eu trabalho, tenho minha calça, calça nova, tenho as minhas coisas. Roupa... Eu só tinha duas roupas quando cheguei aqui. Hoje em dia, graças a Deus, eu tenho cinco. Acho muito feliz, que eu tenho cinco, tenho blusa de frio... Não é que eu compro. É o povo me dando, todo mundo... Eu trabalho direitinho, sou honesta! Não gosto de mexer em nada de ninguém. Só me dando... Calçado, forro de cama, tudo eu ganho. Colchão, tudo eu ganhei.

– *E a senhora ganha de quem?*

Glória – É das madames, que me dão. As madames me dão. Um dia minha patroa veio aqui em casa: “Mas você não tem uma cama para dormir?” A outra patroa, trabalhei para ela um ano e seis meses. “Mas a senhora dorme no chão? Quer uma cama? Manda o seu filho buscar aquela cama”. Aí, ele foi buscar. Aí, outra menina, da outra pensão, me deu esse colchão. Aí, um rapaz que morava aqui e foi embora me deu esse armário, que eu faço de guarda-roupa e também tirei para juntar as minhas panelas. Aí, outro rapaz daqui do lado foi embora e me deu esse filtro, deu essas panelas: “Toma, dona Glória”, e me deu mais uma feira, e temperos. “Eu não vou levar nada”, porque ele é noivo, e na casa da noiva dele tinha tudo, e eles iam morar juntos. Aí, ele me deu tudo. Esse fogão, também. O que eu comprei só foi o bujão. Porque antes eu tinha um fogão velho. Um fogão velho, no tempo de incendiar a casa. Ganhado também. Ganhado também.

² Espécie de cacto típico nas cidades nordestinas.

– *Aí, a senhora deu para outra pessoa?*

Glória – Não prestava não, filha, incendiava. Eu joguei no lixo. Porque ninguém queria. Pois é... Essa televisão, meu menino comprou por 40 reais. Ontem, estava assistindo, deu um fogo e puf... Queimou! Ontem mesmo. E está aí, vai ter que jogar no lixo, porque se for mandar consertar... Aí a gente ficou... Porque o único divertimento que eu tinha era ela... A gente ficava vendo, porque a gente não sai para canto nenhum. Queimou, e pronto!

– *Quer dizer, agora a senhora não tem...*

Glória – Não tem nada! Não tem nada! Está vendo como é? Só tenho saúde para trabalhar, graças a Deus! Então, Deus me ajudando, e uma cama para dormir, e eu trabalhando para poder pagar o meu aluguel, porque é triste a pessoa não ter como pagar o aluguel, não ter condição, chegar o mês e não ter. Porque aqui é assim, sabe? Não tem o dinheiro do aluguel, você sabe pra onde manda, né? Pra rua. Porque não tem pra pagar, vai morar onde? Eu dou sempre graças a Deus de arrumar meu servicinho... E eu não sou sadia não, sabe? Uma mulher que toma esse tanto de remédio é sadia? Então, pronto, assim mesmo trabalho. Trabalho tanto... Estou olhando três crianças. E passo vassoura na casa, um apartamento pequenininho. Depois, é fazer uma comidinha, ajeitar as crianças e pronto. Eu não posso mais trabalhar em serviço pesado, dói as minhas costas.

“O que cabe aqui, num quartinho apertadinho desse?”

– *E além do aluguel, tem que pagar conta de luz, água, como é?*

Glória – Não, filha, está incluído tudinho. Vem com tudo incluído, água e luz. Por 150 reais.

– *Então, todo mundo divide as...*

Glória – Todo mundo, todo mundo, todo mundo. Aqui é para todo mundo incluído. Em todos os aluguéis é incluído água e luz, é incluído.

– *E a senhora sempre morou aqui no Brás?*

Glória – Sempre aqui no Brás, sempre.

– *Agora, não só nessa pensão... Que a senhora chama de pensão, não é?*

Glória – É. Aqui é pensão mesmo.

– *Não é cortiço?*

Glória – Não, é pensão.

– *E qual é a diferença de cortiço para pensão, a senhora sabe?*

Glória – Não sei. (pausa) Cortiço deve ser assim, uns quartinhos... O que cabe aqui, num quartinho apertadinho desse? Então, quando sair o apartamento da gente, a gente vai ter que pagar direitinho, porque não pode atrasar não. Vai ser a mesma coisa do aluguel. Tem que ter o dinheiro todo mês. Porque se não... Então, tem que trabalhar, tem que ter um dinheirinho para quando chegar o dia do aluguel, pagar.

– *A senhora me disse que antes de morar aqui, a senhora morava em outra pensão. Por que a senhora saiu de lá?*

Glória – Eu saí de lá porque era muito bagunçado... Maconheiro, cachaceiro, aí eu saí, porque eu não estava gostando de lá, não. E lá, também, o aluguel era muito caro. Um quartinho desse tamanho, sabe quanto era? Era 190 reais. Desse tamanho.

– *E como é que a senhora descobriu esse aqui?*

Glória – Eu descobri não sei como. Foi Deus. Eu não tinha o que fazer, aí estava passeando, aí falei para minha colega: “Vamos naquele final [da rua]?” Quando eu olhei, vi essa pensão, perto desse bar aqui. Eu digo: “Vou procurar quanto é o aluguel aqui”. Mas eu não tinha nem intenção de sair de lá. Quando eu chego, entro aqui, eu gostei. Estava tudo cheio. Eu falei: “Pelo amor de Deus”. E eu gostei do dono, que o dono aqui é muito legal, o casal aqui. Muito legal. Eles moram aqui também e cuidam da pensão. Aí, eu gostei. Como não tinha, falei: “Ah, guarda para mim”. Então, essa é a minha luta. Você está vendo a minha vida, como é. (pausa) Para você ver... Eu me apertei tanto para pagar esse aluguel, que eu tive que pegar dinheiro emprestado, 100 reais, para pagar esse aluguel. E o meu problema não é só o aluguel. O meu problema também é remédio caro, porque na farmácia onde eu pego não tem o remédio. Tem uns que eu pego de graça, mas têm outros que eles não dão, aí tenho que... Nossa, eu estou toda complicada. Já trabalhei demais, minha filha, naquele Pernambuco, já trabalhei tanto que só faltei morrer... de trabalhar.

– *E a senhora pensa em voltar para lá?*

Glória – Não, eu não penso em voltar para lá, não, porque não tem emprego para trabalhar, muita dificuldade... O meu esposo plantou lá, morreu tudinho, você acredita? Não deu nada lá nas terras de Custódia, em Per-

nambuco, não deu nada, morreu tudo, milho, feijão, morreu tudo, a seca matou tudo. Quem vai viver num lugar desses? Está tudo correndo para cá para São Paulo, para arrumar um meio de vida. Chega aqui, está pior do que lá. Está pior porque tem trabalho para um, e outros não. Para um, e outros não. Graças a Deus, a minha patroa é legal demais...

– *Como é que a senhora conseguiu esse emprego?*

Glória – Uma menina que morava aqui arrumou outro serviço lá em Santo Amaro, melhor, que ganha mais, e ela deu o serviço dela, que ela trabalhava, para mim.

– *E antes a senhora estava sem trabalho?*

Glória – Estava sem trabalho. Só lavando roupa. Lavando roupa para fora. Mas só que eu não posso estar lavando muita roupa para fora, sabe? Por causa da coluna. Lavando e passando. Agora, eu peguei as roupas dessa menina porque ela está grávida, e o meu tempo dá para lavar. Até meio dia dá para eu lavar, que é pouquinha a dela também.

– *A senhora falou que tem 42 quartinhos aqui. É barulhento aqui?*

Glória – Não, não é barulhento, porque o dono daqui, ele controla, sabe como é? Não tem história de você colocar rádio alto, som alto... Aqui não é barulhento, não. Só na outra pensão que era desse jeito, bagunça e tudo, mas aqui não. Aqui é muito difícil ter uma briga, muito difícil. Graças a Deus ele bota tudo em ordem aqui.

– *São quantas pessoas morando aqui, a senhora sabe?*

Glória – Aqui dentro? Eu sei que tem um monte de gente que eu não conheço.

“Eu queria era a minha barriga cheia, entendeu como é? E um cantinho para morar. Só isso”

Glória – Quem ganha bem, é bom, né? Porque pode pagar aluguel. Eu tenho vontade que Deus me auxilie. Porque é difícil. Difícil mesmo. Eu estou esperando, um dia, Deus abençoar. Eu estou rezando muito, pedindo muito a Deus, se daqui para morrer Deus não tem dó de mim. Para eu parar de pagar esse aluguel, porque Ave Maria! ... Eu sei que a Prefeitura estava dando dinheiro para o Bolsa Aluguel, não era? Como deu para uma amiga minha. Deu 3.600 reais! Ela colocou no banco, está pagando aluguel todo mês. Ela paga o aluguel e leva o recibo lá para a Prefeitura. Eu queria também, que eu recebesse o dinheiro. Porque aí eu pagava o meu...

Vamos supor... Eu arrumava um dois cômodos, porque eles não querem que fique em pensão, né? Então, arrumava um dois cômodos, que eu sei que acha, de 250 reais, por aí, e 50 reais já ficava pra mim... Comprava alguma coisa pra mim, um remédio, qualquer coisa. Tem que levar o recibo pra prefeitura. Eu não ia estragar, não queria televisão, não queria som, não queria nada. Eu queria era a minha barriga cheia, entendeu como é? E um cantinho para morar. Só isso. Eu não queria nada. Porque tem muita gente que recebeu esse dinheiro e compra televisão, som, guarda-roupa, essas coisas. E não pode! Não pode fazer uma coisa dessas. Eu não faria uma coisa dessas. Se eu comprasse alguma coisa, ia ser do meu dinheiro, do meu suor, mas tirar do meu aluguel, não fazia isso não. Não faço. Nunca faria isso. Mas tem gente... Por isso que a Prefeitura estava querendo colocar o dinheiro da bolsa aluguel no nome do proprietário, sabe? Pra não dar o dinheiro para as pessoas. Porque tinha muita gente que estava comprando móveis, essas coisas, pra dentro de casa. E morando no mesmo lugar! Eu não faria isso. Se eu tirar a sorte de ganhar o Bolsa Aluguel, não vou ficar no mesmo lugar. Vou caçar um cantinho que... eu possa... Um canto melhor para mim.

– *O que a senhora acha de morar aqui?*

Glória – Eu... Olha, em todo canto, para mim, está bom para morar. Em todo canto está bom. Mas... Eu gostaria de morar mais em outro lugar, sabe? Porque aqui é exigência demais: não pode lavar roupa no domingo. Aqui é muita exigência, e eu não gosto de brigar, eu gosto só de ter as minhas coisas certas, sabe?

– *Qual outra exigência que eles fazem?*

Glória – Negócio de ligar som alto não pode, mas não me importa, não, que eu não gosto de zoadas. Quando uma pessoa vai lavar a roupa não pode ter outra pessoa perto do tanque, para não estar conversando. Ele briga. Não pode bater aquele portão, se não ele briga. Lavar roupa, aqui, tem a hora: oito horas, oito e meia, é hora de estar lavando roupa aqui.

– *E tem fila?*

Glória – Não, não tem, não. Não tem fila, não. De jeito nenhum.

– *E no banheiro?*

Glória – No banheiro, só se for de sábado para o domingo. Sábado para domingo, às vezes está tudo cheio, porque aqui é muita gente. Mas na semana não.

– *E como é com coisas como papel higiênico, sabonete...*

Glória – Cada quarto tem o seu. Dentro de casa. Aqui é organizado. Aqui é bom de morar, entendeu? Porque eu vivo com todo mundo, não tem ninguém ruim aqui, pra mim. É todo mundo uma família, pra mim. Mas eu digo por quê. É eles na casa deles e eu na minha. Tem gente que nem a cara eu sei. Desse jeito, “bom dia”, “boa tarde”, “tudo bom”, pronto! Só isso. Eu acho bom assim. Tem gente que só vive socado na casa dos outros, eu não! Aliás, quase todo mundo aqui é assim. O dono não gosta nem de ninguém na casa de ninguém, se ele vê, reclama. Sabe por quê? Pra evitar fofoca. E é mesmo, né? Viver em casa dos outros sai fofoca mesmo. Aí, não pode.

– *Então, D. Glória, eu acho que o que eu tinha pensado para perguntar era isso. Eu não sei se você quer falar mais alguma coisa, que eu não perguntei.*

Glória – Não. Eu sei que eu pretendo é que Deus me ajude um dia e eu tenha o meu cantinho para morar. Confiando em Deus, eu e meu filho. Confiando em Deus. (...) Eu vou ter paciência para esperar, confiando em Deus. Eu vou esperar, vou ter paciência. Porque em Pernambuco não dá mais... Esse meu filho aí, coitadinho, cansou de dormir sem comer. Aqui não, ele tem um arrozinho, tem um feijão, a gente compra um quilo de arroz, compra um quilo de feijão, compra um quilo de carne, não é? Trabalha... Ele agora está fazendo um bico, trabalhando com um rapaz. Mas ele vai ter o emprego dele, fixo, se Deus quiser. Para se sair a casinha da gente, a gente... poder pagar direitinho. Só isso mesmo que eu tenho a falar, só isso mesmo. Confiando em Deus...

Entrevistadora: Lygia de Sousa Viégas